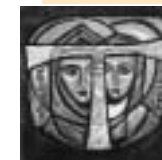


CLARA DE ASSIS UM HINO DE LOUVOR

*Carta do Ministro geral
Frei Giacomo Bini, ofm*

Roma 2002



Índice

Introdução	5
I. A missão comum de nossas Fraternidades	9
Viver e testemunhar o Evangelho	11
A caminho da Cruz	13
Para a reflexão	18
II. Reciprocidade e complementaridade	19
Complementaridade teocêntrica	21
Complementaridade construída sobre a Palavra de Deus	24
Para a reflexão	26
III. Hospedes e peregrinos	27
«Somente na morte se conhecem as pessoas»	29
A beleza de uma vocação	32
Para a reflexão	36
IV. «Siga o conselho do Ministro geral»	37
Autonomia e relacionamentos na vida de um mosteiro	39
A formação	43
Para a reflexão	46
V. Os desafios	47
A formação do coração e a criatividade	49
Uma espiritualidade bíblica, litúrgica e carismática	51
O sentido de pertença	53
Formação para o relacionamento	54
Para a reflexão	56
Conclusão	57
Siglas e abreviações	61
Índice	63

*Vós, Senhor, sejais
bendito, pois me criastes*





Siglas e abreviações

Escritos de São Francisco

2CtFi	Carta a todos os fiéis (2ª redação)
Adm	Admoestações de São Francisco
FVCl	Forma de vida (a Santa Clara)
COrd	Carta a toda a Ordem
RegB	Regra bulada
RegNB	Regra não bulada
RegOFS	Regra da Ordem Franciscana Secular
SaudVM	Saudação à Virgem
Test	Testamento de São Francisco

Escritos de Santa Clara

2CtIn	Segunda carta a Inês de Praga
3CtIn	Terceira carta a Inês de Praga
4CtIn	Quarta carta a Inês de Praga
BenCl	Bênção de Santa Clara
RegCl	Regra de Santa Clara
TestCl	Testamento de Santa Clara

Fontes biográficas e outros documentos

1Cel	Vida primeira, Tomás de Celano
2Cel	Vida segunda, Tomás de Celano
BulC	Bula de canonização de Santa Clara
Fior	Fioretti de São Francisco
LegM	Legenda maior, São Boaventura
LegPer	Legenda perugina
LegCl	Legenda de Santa Clara
ProcC	Processo de canonização de Clara
Scom	Sacrum commercium

me verão» (Mt 28,10). Ide! Vamos com coragem e sem medo: o Senhor nos espera. Dizei com decisão: «Vi o Senhor!» (Jo 20,18), mostrai-o a nós com vossa vida apaixonada pelo Senhor, testemunhai-o a nós com vosso “exagero evangélico” enraizado na confiança nele, com a superabundância de vida que explode de vossa *kénosis*, do vosso silêncio que muda e “perfuma” todo o mundo: «E a casa ficou toda perfumada» (Jo 12,3). Nossa vida hoje necessita reencontrar a audácia o “exagero”, a gratuidade que nasce da alegria por haver encontrado o “tesouro” que subverte positivamente as perspectivas de nossa existência; temos necessidade da “esperança que não engana» (Rm 5,5).

O *Privilegium paupertatis* que Clara tanto defendeu é a alegria de seguir e partilhar a vida de Jesus, a garantia de fidelidade ao nosso carisma; recordai-nos que um irmão ou uma irmã que não são pobres e livres evangelicamente serão condenados a ser estéreis e tristes (cf. Mc 10,22), apesar da grandiosidade das obras e da riqueza das tradições.

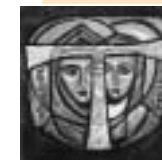
«Por isso, dobro os joelhos diante do Pai de nosso Senhor Jesus Cristo para que, pela intercessão dos méritos de sua Mãe, a gloriosa Virgem Santa Maria, de nosso bem-aventurado pai Francisco e de todos os santos, o próprio Senhor, que deu o bom começo, dê o crescimento e também a perseverança até o fim. Amém!» (TestCl 77-78).

*O Senhor esteja sempre convosco,
e Ele faça que vós estejais sempre com Ele.*

Roma, 11 de agosto de 2002
Festa de Santa Clara



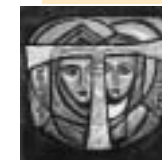
Frei Giacomo Bini, ofm
Vosso irmão e Ministro



Introdução

*Em nome do Senhor!
A vós, Irmãs pobres de Santa Clara,
a vós todas Contemplativas que vos inspirais
na espiritualidade franciscano-clariana,
a todos os Irmãos e Irmãs
que amam Clara e Francisco,
como Ministro e servo de todos, desejo
«paz do céu e sincera caridade no Senhor» (2CtFi, 1)*

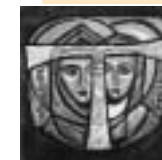
*«Desde que, por inspiração divina, vos fizestes
filhas e servas do altíssimo e sumo Rei, o Pai celes-
te, e desposastes o Espírito Santo, optando por
uma vida de acordo com a perfeição do santo
Evangelho, eu quero e prometo, por mim e por
meus frades, ter por vós o mesmo cuidado dili-
gente e uma solicitude especial, como por eles»
(RegCl 6,3-4; cf. FVCl).*



Queridas Irmãs, como conclusão desta mensagem fraterna e cordial, em nome de todos os irmãos da primeira Ordem e de toda a Família franciscana, desejo mais uma vez expressar um sincero reconhecimento por vossa presença ao nosso lado, como memória e estímulo para exprimir com sempre maior coerência o que somos, o que prometemos, o que nos foi prometido e o que nos espera. Num mundo tão doente e, todavia, tão sedento de uma autêntica experiência espiritual, vós representais a “ponta de diamante” do carisma franciscano para as nossas gerações.

«Queremos ver Jesus», pediam alguns gregos a Felipe (Jo 12,21). Muitos homens e mulheres nos fazem hoje o mesmo pedido. Ajudai-nos, a exemplo de Clara, a “espelhar”, a projetar para o mundo o que contemplamos, a mostrar o ícone vivo construído em nosso interior pelas mãos de Deus e que se exprime numa unidade harmoniosa vivida no quotidiano. «A única coisa que podemos salvar nestes tempos ... é um pequeno pedaço de Ti em nós mesmos, meu Deus. E talvez também possamos contribuir para desenterrar-te dos corações devastados e abrir-te o caminho» (Etty Hillesum). Sim, é muito importante salvar e libertar a imagem de Deus presente em nós, para poder oferecê-la aos outros, liberta de nós mesmos, de um eu egocêntrico e invasor que se perde em mil preocupações afanosas, esquecendo Sua presença. Devemos “proteger Deus de nós mesmos” num mundo tão dividido, fragmentado e perdido, que necessita do testemunho oferecido por nossas relações fraternas como “teofania”, manifestação amorosa da presença de Deus; é preciso anunciar novamente com força a todos que ainda é possível querer-nos bem e reencontrar nossa unidade em Cristo morto e ressuscitado.

Fazendo eco às palavras do Ressuscitado às mulheres, espontaneamente gostaria de repetir-vos: «Ide, anunciai a meus irmãos que se dirijam à Galiléia e lá



Em consonância e obediência a estas palavras, como irmão vosso, ousou dirigir-me a todas vós, que constituís uma realidade preciosa entre aqueles que vivem a herança espiritual de Francisco e Clara. Em nome também dos Irmãos e das Irmãs que se inspiram em seu projeto evangélico, gostaria primeiramente de expressar uma profunda gratidão pela riqueza carismática espiritual que representais em nossa Família. Obrigado por vossa profunda comunhão no Espírito que nos sustenta em nossas viagens apostólicas pelas estradas do mundo; por vosso silencioso papel de “sentinelas da manhã” que, na obscuridade dos acontecimentos humanos, vigiam e perscrutam os sinais de vida que já desabrocham sobre a terra. Vós nos ajudais a interpretar e a alegrar-nos por nossa vocação comum. No início de seu Testamento, Clara prorrompe neste agradecimento: «Entre outros benefícios que temos recebido e ainda recebemos diariamente da generosidade do Pai de toda misericórdia e pelos quais mais temos de agradecer ao glorioso Pai de Cristo, está a nossa vocação que, quanto maior e mais perfeita, mais a Ele é devida» (*TestCl* 2-3). Portanto, juntos devemos conhecer sempre melhor nossa vocação, amá-la e responder-lhe com fidelidade e generosidade.

No próximo ano, celebraremos o 750º aniversário de morte de nossa mãe e irmã Clara: é uma ocasião propícia, uma graça particular que deveria fazer-nos recuperar o amor “esposal” que animou toda a sua vida. Enquanto vos escrevo, penso e medito exatamente aqueles gestos e palavras, tão densos de significado, que caracterizaram seus últimos dias, antes de seu êxodo final. O pobre e tosco leito de São Damião tornou-se lugar de relacionamento e de encontros repletos de profunda humanidade e espiritualidade.

Também uma carta pode tornar-se lugar de comunhão, de diálogo fraterno, para descobrir aquele

8 «algo novo a respeito do Senhor» que Clara pedia a Junípero e que nossos tempos e nossas gerações ainda esperam de nós com urgência.

Nas visitas aos Irmãos, feitas em diversas partes do mundo, sempre tive a graça de encontrar-vos, ouvir-vos, dialogar e rezar convosco. Sensibilizou-me a profunda amizade que vos une a nós e a toda a Família franciscana; como também a ardente sede de Deus que anima vossas comunidades e que gostaríeis de partilhar conosco. E quanto todos nós, irmãos e irmãs itinerantes pelo mundo, teríamos a aprender de vossa experiência mística tão radical e tão absoluta que somente quem foi vencido pelo Amor pode compreender ou intuir.

Frei Reinaldo, Frei Leão, Frei Ângelo, Frei Junípero estavam lá, próximos a Clara nos últimos dias de sua vida para, em profunda comunhão, ouvir, partilhar e reavivar a apaixonada busca de Deus. Este é também o desejo desta carta: continuar no tempo a amizade que, desde então, sustenta os Frades menores e as Irmãs pobres na peregrinação terrena.

Estas reflexões são dirigidas diretamente às Irmãs Clarissas por ocasião do 750º aniversário da morte de Santa Clara: todos os textos referem-se a ela; todavia, querem ser também uma mensagem fraterna endereçada a todas as Irmãs contemplativas franciscanas espalhadas pelo mundo inteiro. Ao escrever, pensei também nelas; as sugestões e os convites, talvez, possam ser úteis também a elas.

Por fim, espero que estas linhas sejam lidas pelos irmãos e pelas irmãs de toda a Família franciscana, pois a complementaridade e a reciprocidade são compromissos comuns a todos nós.



Conclusão

«E o nosso bem-aventurado pai Francisco não profetizou isso só a nosso respeito, mas também sobre as outras que haveriam de vir para a santa vocação a que Deus nos chamou» (TestCl 17).

Para a reflexão

1. Só uma fé “inteligente”, a *fides quaerens intellectum*, iluminada, pode dar um fundamento adequado à opção de viver segundo o Evangelho. Que esforço fazemos e que meios utilizamos para aprofundar nossa fé? Somos capazes de utilizar da melhor forma os dons e os carismas de cada uma, e, neste caso, também sua preparação intelectual, para o bem de toda a Fraternidade?
2. «A *lectio divina* faz tirar do texto bíblico a palavra viva que interpela, orienta e plasma a existência» (João Paulo II, *NMI* 39). Como nos deixamos “plasmados pela Liturgia das Horas, pelas celebrações litúrgicas, pela leitura orante da Palavra de Deus?
3. Quanto “investimos” para estimular uma formação bíblica, litúrgica e carismática, que envolva a vida na sua integralidade?
4. Que espaço damos à formação humana, à valorização de nossa afetividade na vida quotidiana em Fraternidade?

A missão comum de nossas Fraternidades

I

Todo o relacionamento pessoal com o Senhor, todos os carismas religiosos englobam dois elementos inseparáveis entre si, vocação e missão: «seguir-me» e «ide», *testemunhai* entre os povos o que vistes. O Senhor nos chama para fazer-nos seus discípulos e testemunhas no mundo inteiro. Assim, inserimo-nos na história como memória viva do Evangelho de Jesus Cristo, sempre prontos a inventar as formas mais apropriadas de testemunhar e anunciar o Reino de Deus já presente em nosso meio. Como irmãs e irmãos de Clara e Francisco, temos uma mensagem bem definida a anunciar, ainda que com modalidades diferentes; nossas Regras indicam claramente os elementos fundamentais que caracterizam esta caminhada.



relacionamento fraterno e para o relacionamento com Deus. Não existem atenuantes: nem a idade, nem o caráter, nem as tradições podem dispensar desse compromisso.



necessidade de trabalharmos juntos, convertermo-nos juntos, caminharmos juntos: não nos tornamos santos cada um por si; seremos santos se nos ajudarmos todos juntos.

Formação para o relacionamento

«Amem sempre as suas almas e as de todas as suas irmãs, e sejam sempre solícitas na observância do que prometeram a Deus (BenCl 14-15).

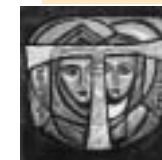
Hoje, ao falar de formação, é necessário pôr em particular evidência a capacidade de a pessoa se relacionar: relacionar-se consigo mesma, com a própria história, com a própria afetividade, com as próprias derrotas, com os próprios dons que devem ser restituídos ao Senhor. Este é o fundamento das relações com os outros e com Deus. Sobretudo nossa dimensão afetiva deve ser acolhida sem complexos; somente assim é possível chegar a uma serenidade fundamental e gerar uma incrível riqueza de vida que estimula o desenvolvimento harmonioso de uma personalidade. Por vezes vestimos o hábito religioso e pensamos que o resto virá por si. Quantos dramas se lêem em alguns rostos escondidos sob um véu! Dramas não resolvidos, que se tornam infinitas ocasiões de tensão, a ponto de destruir a paz de uma casa por meses e anos. Ao contrário, que “paraíso” a atmosfera de uma Fraternidade onde se aprendeu a conhecer-se, a dialogar consigo mesmo, com Deus, com os outros. «Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros» (Jo 13,35).

Temos esta responsabilidade como cristãos e como consagrados; devemos, pois, investir todos os nossos talentos para fomentar uma formação para o

Viver e testemunhar o Evangelho

«Vejo que são a humildade, a força da fé e os braços da pobreza que a levaram a abraçar o tesouro incomparável escondido no campo do mundo e dos corações humanos, com o qual se compra aquele por quem tudo foi feito do nada. Eu a considero, num bom uso das palavras do Apóstolo, auxiliar do próprio Deus, sustentáculo dos membros vacilantes de seu corpo inefável» (3CtIn 7-8).

A regra de vida comum a toda a Família franciscana consiste em «viver o santo Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo» (cf. *RegB* 1,1; *RegCl* 1,2; *RegOFS* 4), desejando acima de tudo «ter o espírito do Senhor e seu santo modo de operar» (*RegB* 10,8; *RegCl* 10,9), tendo como prioridade absoluta a oração e a contemplação (cf. *RegB* 5,2; *RegCl* 7,2). Também o percurso é único e bem definido: a humildade e a pobreza do Senhor nosso Jesus Cristo e de sua Mãe pobrezinha. Clara diz explicitamente: «O Filho de Deus fez-se nosso caminho» (*TestCl* 5). A existência pobre de Jesus de Nazaré, de Belém ao Calvário, como epifania de Deus, tornou-se uma experiência espiritual totalizante e revolucionária na vida de Francisco e Clara: esta paixão configura-os totalmente a Cristo e não aceitarão comentários acomodaticios ou reduções até os últimos anos de sua vida. A quem lhe propõe outros modos de servir o Senhor, outras Regras já experimentadas e melhor organizadas, Francisco responde: «O Senhor me disse que queria fazer de mim um novo louco no mundo, e não quer conduzir-nos por outro caminho senão por esta sabedoria» (*LegPer* 114). E ao Papa, que queria aliviar sua pobreza, Clara, indo muito além do voto, responde: «Pai santo, por preço algum quero ser dispensada de seguir Cristo para sempre» (*LegCl* 14).



Esta é, pois, nossa vocação, nossa «ciência», nossa diaconia: tornar-nos sempre mais ouvintes e fiéis realizadores da Palavra evangélica, contemplando e seguindo Jesus pobre até o fim. Desta identidade clara e concreta originam-se as diferentes e complementares formas de evangelização, as diversas missões franciscano-clarianas na Igreja de Deus em vista de seu Reino.

Os “Frades menores” espalham-se pelo mundo, que se torna seu «claustro» (cf. *SCom* 63), o lugar das relações fraternas e contemplativas (cf. *RegNB* 16). «Pois para isto Ele [o Senhor] vos mandou pelo mundo universo, para dardes testemunho de sua voz, por vossas palavras e vossas obras, e fazerdes saber a todos que ninguém é todo-poderoso senão Ele (*COrd* 9).

As “Irmãs pobres”, a partir do «claustro» de sua interioridade, seguindo o exemplo de Maria, (cf. *3CtIn* 19) tornam-se acolhimento, morada e ícone do Deus de amor; e este testemunho se “reflete” e se projeta no mundo inteiro. A clausura se abre ao universo e se torna lugar e espaço de relacionamento, como o estreito espaço do jardim de São Damião se transformou para Francisco, padecente e quase cego, em visão e canto de toda a criação. Não vamos para a clausura para refugiar-nos ou para fugir das dificuldades do mundo, mas sobretudo para viver o acolhimento, para participar mais profundamente da vida dos homens nas suas aspirações mais secretas e desconhecidas, para esforçar-nos por construir uma história humana segundo o projeto de Deus que só os santos e os profetas sabem intuir.

Tomando uma dimensão universal, a clausura de Clara é vivida e transformada por uma dinâmica espiritual que não tem limites. Antes da doença, é fortemente tentada a partir até para Marrocos, onde os primeiros Frades haviam confessado sua fé com o

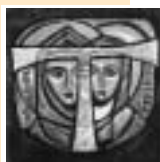
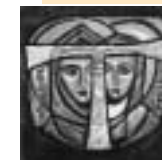
conseguimos adaptar ou criar novas formas de oração, para fazer que se tornem «exemplo e espelho» (*TestCl* 19), evangelização e missão em nosso ambiente?

O sentido de pertença

«Rogo-vos, senhoras minhas, e vos aconselho a viver sempre nessa santíssima vida e pobreza. Guardai-vos muito para que, de maneira alguma, vos afasteis dela pelo ensinamento de quem quer que seja» (RegCl 6,8-9).

A quem pertencemos? Talvez a resposta (decorada) poderia ser fácil. Mas perguntemo-nos novamente: para onde convergem nossos desejos, nossas preocupações, o que nos provoca sofrimento, em que investimos concretamente energias e tempo? Neste ponto, a resposta é um pouco mais difícil! Penso que muitas vezes não conseguimos concentrar-nos no essencial e nos perdemos no que é secundário, que pode ser a conservação de certas estruturas, a sobrevivência do mosteiro, a procura de vocações, a preção de fazê-las vir (improvisadas) de outros continentes, o “ciúme” territorial.

A quem pertencemos? Ao Espírito de Deus, que nos “inventá” cada dia com a nossa colaboração, ou a algum outro? «Em cada etapa da vida, o Senhor nos pede uma nova resposta» (Paulo VI). E nesta dinâmica de fazer espaço a Deus em nós, devemos dar prioridade ao Evangelho, ao carisma franciscano-clariano, à Família franciscana, mais do que ao mosteiro. Nossa missão tem horizontes amplos! Não é um sonho, mas a verdadeira dimensão de nossa vocação, que exige *kénosis* e contínua conversão. Exatamente nestes espaços de vida percebe-se mais claramente a



do com a Palavra de Deus não pode deixar de transformar certas “práticas de piedade” que vêm de séculos passados e estão ainda presentes em alguns (raros) mosteiros. Uma liturgia viva, bem preparada e participada não é contra o espírito da clausura; antes, deveria “formar” também o sacerdote celebrante, como pude experimentar em alguns mosteiros. Talvez nos tenhamos limitado a “sábias” conferências sobre a Bíblia ou sobre a Liturgia, pensando, assim, ter obedecido à Igreja. Mas uma verdade que não aquece o coração e não muda a vida não é verdadeiro conhecimento, não é verdadeira formação.

Depois, não devemos esquecer que toda a liturgia, como a própria palavra diz, é um serviço a todo o povo de Deus; por isso, é necessário refletir sobre a acolhida litúrgica aos fiéis leigos que desejam unir-se à oração de nossas comunidades. Todos os mosteiros de Clarissas do mundo recebem pedidos de oração, que lhes são dirigidos por homens e mulheres de perto e de longe; talvez, a partir dos que estão próximos à Família franciscana, seja sobretudo necessário ajudar os fiéis leigos a sentir mais profundamente a oração litúrgica das comunidades de Clarissas e de Frades como uma realidade que lhes diz respeito e não é estranha à sua vocação.

Este desafio, esta transformação na qual muitos mosteiros já estão empenhados será a verdadeira revolução copernicana que garantirá à contemplação sua frutuosa identidade. «Nossas comunidades devem tornar-se autênticas escolas de oração» (João Paulo II, *Novo Millennio Ineunte* 33).

Freqüentemente damos a impressão de considerar nossa vocação um dado adquirido uma vez por todas, esquecendo que o carisma não é somente uma herança recebida, mas é sobretudo uma responsabilidade de busca diante de Deus e do nosso mundo. Como

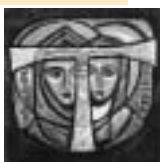
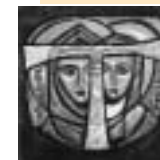
“martírio” (cf. *ProcC* 6,6); nos últimos 30 anos, através do “martírio” de sua enfermidade, viverá uma incrível multiplicidade de relações de amizade: recebe visitas do Papa, de Cardeais, de Frades, de pessoas humildes e de pessoas importantes... É o fogo do amor que arde em seu “claustro” e que inflama todo o tipo de relacionamento (cf. *Fior* 15), muito mais do que qualquer limitação imposta pela clausura. Clara é uma verdadeira “mística”: arde numa paixão única que a configura a Cristo. Tudo o mais torna-se “relativo” e convergente para este “centro”.

Quanto desperdício de energias e de “boa vontade” se nota em alguns mosteiros, quando nem todas as forças são dirigidas para a busca da unidade, para o Essencial. O “gênio feminino” resplende na sua riqueza exatamente quando intui o essencial e consegue dar o justo valor ao secundário.

A caminho da Cruz

«Se você sofrer com ele, com ele vai reinar; se chorar com ele, com ele vai se alegrar; se morrer com ele na cruz da tribulação vai ter com ele mansão celeste nos esplendores dos santos» (2CtIn 21).

«Quando eu for levantado da terra, atrairei todos a mim» (*Jo* 12,32): do alto da cruz, Jesus tornou-se oferta de salvação para todos os homens. Seguindo Francisco em suas andanças missionárias, chegamos às chagas do Alverne; seguindo Clara na sua clausura, chegamos ao leito do sofrimento, da enfermidade, que inicia no tempo das chagas do Poverello e se prolonga por quase metade de sua vida. Constatamos mais uma vez uma surpreendente complementaridade de carisma: duas estradas igualmente “missioná-



rias”, a da itinerância e a da clausura, que conduzem à idêntica meta, a da cruz. O amante quer ficar perto do Amado, não só no caminho da pobreza, mas também no do sofrimento (cf. *2CtIn* 19), para completar na própria carne o que falta aos sofrimentos de Cristo (cf. *Cl* 1,24). Não basta ouvir e servir, é preciso também partilhar o destino de Jesus e tomar sua cruz (cf. *Lc* 9,23-24).

A lógica evangélica da *não*-eficiência, da *não*-espetacularidade, dos resultados *não*-vistosos é sempre perturbadora: assim foi para os discípulos de Jesus e será para todos os fiéis, neste peregrinar terreno. O “mundo” não pode aceitar esta lógica: nosso mundo fundamenta-se exatamente sobre a eficiência que, a partir desta base, cria uma série de “psicoses” do resultado, do “fazer”, da aparência, do garantir para si o presente e o futuro, do sucesso em todos os níveis: trabalho, afetos, negócios, fama... Infelizmente, estas psicoses não nos são estranhas: conta quem é capaz de produzir mais. Enquanto o “milagre” de Clara e Francisco, fiéis ao Evangelho, é o de um grande abandono naquele que continua a nutrir uma incrível confiança a nosso respeito. Eles responderam de forma apaixonada à paixão que Deus tem pelo homem; viveram com audácia o desafio da pobreza absoluta, que conduz necessariamente à cruz, à impotência, como caminho de vida.

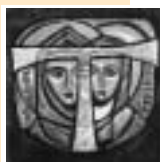
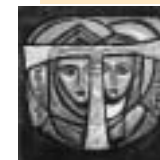
Todas as atividades missionárias estarão, pois, sujeitas à lógica da semente que deve morrer para frutificar.

A eficácia “missionária” de Francisco atinge o cume na última etapa de sua vida, a da assemelhação a Cristo no Alverne: depõe sua experiência espiritual no seio da Igreja, ao lado da cruz, restitui esta aventura evangélica ao Pai e a oferece como um “dom” missionário a muitos irmãos e irmãs que o teriam

da volta para nós mesmos, inclinada a administrar exclusivamente o que sempre se fez, por medo de perder o talento recebido: contentamo-nos em escondê-lo e conservá-lo (*Mt* 25,18). A resistência às mudanças pode significar resistência à conversão, a deixar-se guiar pelo Espírito para caminhos inéditos, que descobriremos enquanto andamos (cf. *Hb* 11,8). Tudo isso nos força a rever nossa vida diária, nosso estilo de vida, nossos esquemas e, até, nosso horário, que, embora demasiadamente fragmentário, pode dificultar uma dimensão contemplativa que necessita de espaços mais longos de diálogo pessoal e de silêncio com o Senhor, para melhor valorizar a oração comunitária. A preparação séria e criativa de espaços litúrgicos, comunitários e recreativos fomenta uma formação permanente para o relacionamento com Deus e com os outros. Sobretudo a autenticidade dos gestos, de uma palavra, harmoniosamente amadurecidos no silêncio e no tempo necessário, ajuda a construir uma personalidade verdadeira, livre, serena e acolhedora. Essa criatividade espiritual poderá continuar também quando o corpo estiver fraco ou doente: o exemplo de Clara, também neste ponto, deve nos ensinar a manter-nos vivos no amor e a jamais nos resignarmos, a não refugiar-nos no hábito que, inevitavelmente, adormece e paralisa qualquer espírito de iniciativa.

Uma espiritualidade bíblica, litúrgica e carismática

Creio que não seja necessário alongar-nos sobre os muitos documentos da Igreja e da Ordem que – há mais de 40 anos – falam da importância de uma sólida formação bíblica e litúrgica, sobretudo para as pessoas consagradas e, de modo particular, para as contemplativas. Mas que eco tiveram na VIDA de nossas comunidades? Um relacionamento prolonga-



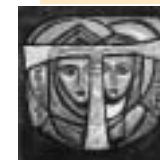
fundamentados, mas incapazes de abrir-nos à novidade de Deus.

A maior tentação de quem procura a Deus é sempre a de fechá-lo na própria expectativa; enquanto Deus quer superar nossas expectativas, alargar os horizontes de nossa existência. Deus nos surpreende porque confia em nós e nos pede sempre nova disponibilidade. Nós somos levados a voltar para o que “sempre se fez”; o Espírito, porém, impele-nos a inventar o que “devemos fazer hoje”, nas novas situações que a existência nos propõe. A resistência à conversão nasce principalmente do desejo de conservar a tradição em si mesma, de um equilíbrio nivelado por baixo, que, com frequência, expressa apego aos próprios esquemas e rejeição à renovação, mais que apreço pelo que temos recebido. A fidelidade evangélica é sempre fonte de audácia e criatividade, uma criatividade que não significa rejeição ao passado ou à riqueza recebida dos nossos santos; não significa desestruturar completamente nossa existência: é impossível viver sem estruturas e sem inserir-se numa história. Criatividade significa pôr «vinho novo em odres novos» (Mc 2,22), adaptar as estruturas à vida nova que se manifesta em nós dia após dia, torná-las mais expressivas e cónsonas com os sinais do tempo em que vivemos. É uma missão confiada a cada geração, a cada época, para tornar viva e vivificante a mensagem evangélica. Hoje vivemos numa cultura que estimula uma identidade centrada sobre o conhecimento intelectual ou sobre expressões psicológicas e emotivas, mais que sobre a formação do coração, que a Bíblia define como o centro da vida do homem novo, «o centro de integração, de abertura e de superação de todo o ser humano». O coração endurecido – em grego “*sklerokardia*” – é semelhante à esclerose das capacidades e possibilidades de amar, de abrir-se à confiança em Deus; a novidade do Espírito, porém, surpreende-nos e impede qualquer forma de obstina-

seguido ao longo dos séculos, fascinados por seu exemplo. É uma liberdade reencontrada exatamente no tempo da “grande prova”, quando já não sabe o que fazer: então decide restituir a Deus o projeto evangélico elaborado durante toda a vida e que agora descobre não ser *seu*; restituir os Frades que não são *seus*, sua vida que não é *sua*...

O que dizer de Clara, dos anos de sua enfermidade, “inúteis” segundo uma mentalidade do resultado, mas muito ricos e significativos diante de Deus! Precisamente quando Francisco, muito rapidamente, veio a faltar aos Frades e às Irmãs, a presença de Clara em boa saúde, com todas as suas energias, em nosso modo de ver teria podido “fazer muito” para a Família franciscana das origens; teria podido fundar muitos outros Mosteiros, animar muitas outras Irmãs... No entanto, o Senhor “fez muito” através de sua pobreza, de sua enfermidade, de sua inatividade! Naqueles primeiríssimos anos da vida da Ordem, irão outras Irmãs, mandadas por ela e por Francisco.

Mas quanto nos é difícil assimilar estes valores, quando, ao nosso redor, o “mundo” fala outra linguagem e nos estimula a aceitar suas seduções. Bem sabemos que nossa eficácia está ligada à fecundidade divina; que nossos serviços, estruturas, atividades apostólicas devem estar em função de nosso ser memória viva do Evangelho de Jesus. Este é o primeiro serviço que devemos prestar à Igreja e ao mundo, antes mesmo de qualquer outra atividade: é a qualidade de nossa vida que dá significado à quantidade de nossos esforços, que devem relacionar-se a esta dimensão existencial na qual todos nos percebemos “missionários, enviados”, quer permaneçamos num mosteiro, quer percorramos as estradas do mundo; quer rezemos, quer preguemos; quer tenhamos saúde, quer estejamos doentes. Conservarei sempre em meu coração muitos rostos radiantes de Irmãs



jovens e idosas encontradas em diversas visitas, que deixam transparecer, como palavra viva, o absoluto de Deus que as habita; de Irmãs enfermas que, purificadas pelo sofrimento como Clara, ícones vivos, semelhantes ao Crucifixo de São Damião, exprimem uma humanidade sofredora, mas já transfigurada e gloriosa: tornaram-se espera vibrante do Esposo que vem, enquanto seu corpo, puro invólucro transparente, deixa entrever a presença libertadora de Deus. Que missão extraordinária é esta!

Recordo o exemplo de uma clarissa do século XV, Catarina de Bolonha. No fim da vida, sofrendo muito, numa visão recebeu a ordem de pôr-se a tocar uma viola. Catarina não tocava desde que, adolescente, havia deixado a corte de Bolonha para entrar no mosteiro; mas diante da ordem divina pediu que lhe trouxessem uma viola e compôs ela mesma um pequeno hino, com um texto tirado do profeta Isaías: “Gloria eius in te videbitur”. Assim, mostrava às Irmãs que a glória do Onipotente se manifesta também na fraqueza de uma mulher sofredora. Ainda hoje conservada no mosteiro Corpus Domini de Bolonha, a viola nos recorda que a vida de cada um de nós, em sua fraqueza, pode tornar-se um instrumento para cantar a grandeza de Deus.

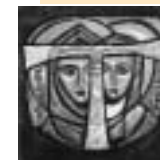
Queridas Irmãs, quem sabe ainda podeis ajudar-nos a reencontrar o sentido profundo de nossa missão, o valor “relativo” de todas as nossas atividades, sabendo que uma pessoa pode realizar-se somente se descobrir sua verdadeira face, “espelhando-se” em Jesus de Nazaré, no seu Evangelho, na contemplação como prioridade. Na busca de nossa identidade, com frequência somos mais propensos a olhar para o passado – e corremos o risco de fechar-nos sempre mais – do que para o futuro, para o qual somos projetados. O afã de sobreviver pode destruir a esperança, a criatividade e a abertura ao Espírito do Senhor.

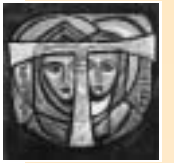
Esta positiva projeção de Francisco em relação ao futuro das Damianitas, estimula também a nós a alargar o olhar para além dos horizontes do presente a fim de perscrutar possibilidades evangélicas ainda não expressas e construir dinamicamente uma dimensão contemplativa autêntica sempre mais profunda e evangelizadora para o amanhã. É uma exigência fortemente percebida por nosso mundo, orientado para uma cultura da exterioridade e da aparência, como consequência da globalização. As pessoas contemplativas podem oferecer a alternativa de uma cultura da interioridade e da experiência espiritual profunda de uma solidão habitada, que não é isolamento. Sabemos bem que uma dimensão contemplativa autêntica, enraizada no relacionamento trinitário, tem uma evidente função crítica diante de uma pseudo-religiosidade, que se assemelha mais a um consumismo religioso, a um cristianismo do “faça o que quiser”, do que a uma verdadeira busca de Deus. O homem moderno descobre-se sempre mais “religioso” e sempre menos crente!

Falando de desafios, das tarefas sérias ou urgentes diante das quais nos coloca o Espírito, a lista é sempre relativa e, sobretudo, subjetiva. Já nos referimos a temas de vital importância, como a Palavra de Deus, a formação, o exercício evangélico da autoridade. Agora, nesta última parte, desejo destacar três aspectos, que considero *desafios* fundamentais e que, de certa forma, resumem tudo.

A formação do coração e a criatividade

O Cristo ressuscitado repreende a «dureza de coração» dos discípulos (cf. *Mc* 16,14; *Lc* 24,25), isto é, uma atitude de voltar-se para si mesmos, prisioneiros dos próprios esquemas, que julgamos bem



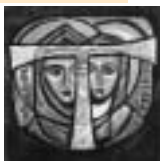


A própria velhice nem sempre é só um limite, pois é também testemunho de síntese espiritual e relacional, harmonia dos valores serenamente vividos. Também esta etapa da vida deve ser evangelizada e acompanhada, para que se torne manifestação de Deus, como qualquer pobreza.

O fechamento de um mosteiro acolhido na serenidade (não somos eternos!): também ele é testemunho de uma fé madura e de uma esperança viva.

18 *Para a reflexão*

1. Que valores ou aspirações evangélicas fundamentais estão na base de nossa unidade interior e das opções da Fraternidade? Estamos dispostos a comprometer-nos verdadeiramente? Para mudar o quê? Como? Com quem?
2. Existe a consciência de que a primeira terra de anúncio evangélico sois vós mesmas, chamadas a testemunhar uma à outra a Boa Nova na concretude dos gestos diários?
3. A fecundidade divina de nossa existência brilha também na impotência humana, como a velhice e a enfermidade, que nos tornam o sinal mais transparente da esperança que nos habita. Como nos preparamos para esta etapa “missionária” tão importante e decisiva?
4. Irmãs, no silêncio contemplativo, vós sois conosco uma Fraternidade-em-missão. Sois anúncio de uma Palavra viva em cada época de vossa vida, na paixão pelo Evangelho que vos configura a Cristo. Como podemos traduzir e anunciar concretamente esta experiência junto com toda a Família franciscana?



Os desafios

V

«Subindo ao muro da igreja, [Francisco] disse em voz alta e em francês para uns pobres que moravam ali perto: “Venham me ajudar na obra do mosteiro de São Damião, porque nele ainda haverão de morar umas senhoras, cuja vida famosa e santo comportamento vão glorificar nosso Pai celestial em toda a sua santa Igreja”» (TestCl 12-14).

cia dos Frades, é urgente definir melhor este relacionamento tão importante, desejado por Clara e Francisco, para garantir e aprofundar nossa identidade franciscano-clariana. Somos chamados a viver nossa “unicidade” dentro de um relacionamento sincero, na reciprocidade e complementaridade em vista do Reino.

Para a reflexão

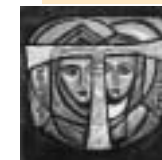
1. “Somos uma Fraternidade contemplativa com uma missão particular num mundo em mudança”. Como viver uma criativa fidelidade ao nosso carisma de Ordens complementares?
2. Garantir a autenticidade de nossa espiritualidade franciscano-clariana é fruto de um compromisso seriamente assumido na confiança recíproca por irmãos e irmãs. Como concretizá-lo no país ou na região em que vivemos? Como podemos obedecer hoje ao pedido do Crucifixo de São Damiano: “Vai e reconstrói a minha casa”?
3. Como ajudar os mosteiros em dificuldades e os demasiadamente “auto-suficientes” a colocar-se mais na escuta do Espírito, verdadeiro formador, e dos sinais dos tempos?
4. Para ser autêntica, uma formação deverá mudar nosso estilo de vida, enraizando-se na busca teórica e prática da face de Deus. O que fizemos nos últimos anos e que plano de formação temos para o futuro? Para que nos formamos?



Reciprocidade e complementaridade

II

«Mas quando o Senhor agiu mais de perto e já parecia às portas, quis ser assistida por sacerdotes e frades espirituais, para recitarem a paixão do Senhor e suas santas palavras. Aparecendo com eles Frei Junípero, egrégio menestrel do Senhor, que costumava soltar ditos ardentes de Deus, cheia de renovada alegria, ela perguntou se tinha algo novo sobre o Senhor. Ele abriu a boca, deixou sair centelhas ardentes da fornalha do fervoroso coração, e a virgem de Deus ficou muito consolada com suas parábolas» (LegCl 45).



então esquecemos de perguntar-nos periodicamente se nossas estruturas estimulam a contemplação: afinal, algumas estruturas podem ser mantidas como estão, mas outras devem ser transformadas com regularidade, enquanto outras ainda devem ser criadas para responder com autenticidade à nossa vocação. A tensão entre estruturas e valores acompanhar-nos-á até o túmulo, mas devemos saber administrá-la e orientá-la com sabedoria e paciência. Quem não vê, por exemplo, a necessidade de formar-se continuamente para um exercício fraterno da autoridade? «A estrutura da segunda Ordem, como a da primeira, não é piramidal e não recria o grupo beneditino reunido em torno do abade ou da abadessa como a um *alter Christus*, mas é evangélica. A atenção de todas – abadessa e irmãs – converge para o Evangelho e a ele obedecem».

Creio que todos podemos subscrever esta reflexão de uma clarissa; mas, como se vive, em muitos mosteiros, o exercício da autoridade? Que atenção é dada à formação para a responsabilidade por parte das abadessas? Uma verdadeira caminhada formativa torna-se impossível sem um verdadeiro diálogo fraterno dentro dos mosteiros, entre os mosteiros e nas Federações. Ao contrário, não são raros os casos de mosteiros que pensam não ter necessidade da ajuda dos outros.

Neste campo, a colaboração entre nossas duas Ordens depende das diversas áreas geográficas: há muita, muitíssima diversidade! Praticamente tudo é deixado à boa vontade e ao espírito empreendedor – mais ou menos cauteloso – das abadessas, dos Ministros provinciais, das Presidentes das Federações, mesmo que nas Constituições não faltem algumas chamadas e recomendações gerais, convidando à colaboração. Sem prejudicar a autonomia de cada mosteiro, e evitando também o perigo da dependên-

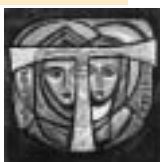
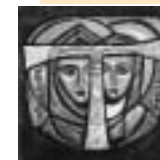
É preciso formar para uma radical expropriação. Segundo Clara e Francisco, observar o santo Evangelho significa viver «em obediência, sem nada de próprio e em castidade» (*RegB* 1,1; *RegCl* 1,2). É importante notar que não se usa o termo “pobreza”, mas a expressão “sine proprio”. Não se trata somente de ter um relacionamento equilibrado com as coisas, mas estamos diante de uma atitude que deve caracterizar em profundidade a identidade das Irmãs pobres e dos Frades menores: viver “sine proprio” significa renunciar a atribuir direitos às pessoas, aos cargos que nos são confiados, ao próprio Deus e à sua Palavra. Tudo recebemos de Deus e tudo somos chamados a restituir, se não quisermos nos tornar “ladroes” dos bens que o Senhor gratuitamente distribuiu. Esta atitude de expropriação radical, de convicção e sem arrependimento dom de si, exige uma constante conversão e deve ser quotidianamente renovada, a partir da contemplação extasiada daquilo que Deus mesmo fez por nós: «Vede, irmãos, que humildade a de Deus! ...nada de vós retenhais para vós mesmos!» (*COrd* 28-29; cf. *4CtIn* 15.19-23). É o grande esforço da formação! E não é um caminho sem obstáculos: o mais grave perigo é o da auto-suficiência, a segurança de estar na estrada certa, o medo de confrontar-se com os outros, a preguiça da busca. Continua-se de acordo com alguns esquemas dados como certos uma vez por todas, fiéis a certas estruturas recebidas em herança e consideradas imutáveis pelos séculos. São João da Cruz escreve: «Bem-vindas sejam todas as mudanças, Senhor Deus, para que nos estabilizemos em Vós». Qualquer mudança pode aparecer como uma ameaça que gera medo, ou como um êxodo, uma esperança para um futuro a ser criado com o Espírito. Com frequência, temos medo de aventurar-nos por novos caminhos, sobretudo se existiu alguma experiência fracassada, como se também estas experiências não pudessem tornar-se epifania de Deus e constituir momentos de crescimento. Ou

Complementaridade teocêntrica

«Pois, quando o santo, logo depois de sua conversão, sem ter ainda irmãos ou companheiros, estava construindo a igreja de São Damião, em que foi visitado plenamente pela graça divina, e foi impelido a abandonar totalmente o mundo, numa grande alegria e iluminação do Espírito Santo, profetizou a nosso respeito aquilo que o Senhor veio a cumprir mais tarde» (*TestCl* 9-11).

Este é um quadro profundamente significativo que, exatamente no fim da vida de Clara, exprime muito bem o laço espiritual que une na contemplação de Deus os irmãos menores e as “damas pobres”. A caminhada evangélica de Francisco e Clara, suas duas histórias, são interdependentes. Se, por um lado, Clara se define a “plantinha” de Francisco, este, segundo a antiga tradição, nos momentos mais difíceis de sua vida, recorre a ela e se deixa guiar, confia-lhe dúvidas e preocupações, às vezes envia-lhe seus Frades (cf. *ProcC* 2,15). Francisco está na origem da vocação de Clara e de suas Irmãs; Clara pede a assistência dos Frades, protestando até diante de Gregório IX, quando este queria proibir a todos os Frades que se dirigissem aos mosteiros das Clarissas sem licença sua (Cf. *LegCl* 37).

Com satisfação, Clara nota que a contemplação das Damas pobres é parte originária do carisma, quando Francisco «não tinha frades nem companheiros» (*TestCl* 9); e depois da morte de Francisco, os Frades descobrem em Clara a guarda do projeto evangélico originário, pois «um só e mesmo espírito tinha tirado deste mundo tanto os frades quanto aquelas senhoras» (*2Cel* 204). Francisco constitui o momento inspiracional da comum vocação; Clara, na sua fidelidade, garante a continuação do primitivo projeto de



vida de Francisco. Da clausura de São Damião, ela e suas Irmãs sustentam e animam os seguidores da forma de vida franciscana.

Nestes anos, a partir da renovação promovida pelo Concílio Vaticano II, recuperamos muito da riqueza deste relacionamento, que penso ser indispensável para a nossa identidade carismática.

O ponto focal deste relacionamento são as “palavras santas” ou o “falar de Deus”, segundo a estupefata expressão dos Fioretti (cf. *Fior* 15). Trata-se de uma comunicação “extática”, isto é, que nos leva para fora de nós mesmos, com o centro para o “alto”: daqui nasce a complementaridade e a reciprocidade que dão plenitude humana e divina à nossa vocação. A experiência desta comunhão obriga-nos a ir além de qualquer “compensação afetiva”: não nos aproximamos por “estratégias pastoral-vocacionais ou pela necessidade de “apoiar-nos uns às outras, de “sentir-nos bem” uns ao lado das outras. Aproximamo-nos para comunicar-nos «alguma coisa nova a respeito do Senhor», para acelerar o passo em direção a Ele. É uma busca em comum, trêmula e sincera, daquele que está na origem de nossa aventura. Nossas palavras, então, não serão apenas desejo de falarmos reciprocamente, mas sobretudo efusão de “centelhas ardentes”, que brotam de um coração feito «fornalha» pelo amor de Deus. É Deus que fala em nós e através de nós para fazer de todos os nossos diálogos uma teofania, uma manifestação sempre mais clara de sua presença e vontade.

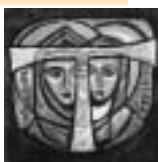
O ideal é muito alto e sua conquista nem sempre certa! Na Regra, Francisco pôs seus Frades de sobreaviso quanto a possíveis desvios que, talvez, já estivessem se manifestando (cf. *RegB* 11,1-2). Talvez uma interpretação demasiadamente dura desta passagem tivesse provocado a reação de Clara em relação ao

A formação

[Clara] tinha cravado na Luz o dardo ardentíssimo do desejo interior e, transcendendo a esfera das realidades terrestres, abria mais amplamente o seio de sua alma para as chuvas da graça» (LegCl 19).

A pessoa humana é um ser que traz em seu coração um mistério muito maior que ela mesma: tudo se resume em perceber, em «cravar o dardo», como Clara, no mistério-dom para encontrar Aquele com o qual se pode viver em plenitude. O «cravar o dardo» na Luz que habita uma criatura finita se transforma progressivamente num desejo de Deus e num esforço total da pessoa para fazer-lhe espaço, para afastar qualquer empecilho à união, para viver diariamente este relacionamento em profundidade.

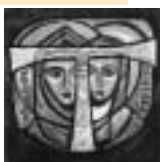
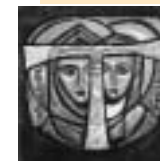
Trata-se de *formar e formar-se na obediência ao Espírito*. Segundo Francisco e Clara, [os frades e as irmãs] «devem desejar acima de tudo ter o espírito do Senhor e seu santo modo de operar» (*RegB* 10,9; *RegCl* 10,9). É o Espírito Santo que nos recorda as palavras de Jesus e nos faz conhecer a paternidade universal de Deus, que torna possível nosso viver como irmãos e irmãs. «O Espírito do Senhor, que habita em seus fiéis» (*Adm* 1,13), nos ajuda a discernir dia após dia as exigências de nossa vocação e nos dá a coragem de viver numa obediência radical e recíproca. Não se trata, pois, de educar para um obséquio formal em relação aos ministros ou às abadesas, mas de submissão de todos ao Espírito, de uma atitude profunda de responsabilidade. Lidos à luz do Espírito, todas as relações humanas e todos os acontecimentos da vida tornam-se para nós uma ocasião de “obediência”, de discernimento da vontade de Deus e de acolhida de seu plano para nós.



Num futuro próximo, ao menos em algumas nações, seremos obrigados até a uma reestruturação e a uma diminuição dos mosteiros e também de outras formas de presença franciscana e clariana. Portanto, nestes momentos particularmente difíceis, é indispensável a ajuda entre mosteiros e entre a primeira e a segunda Ordem; uma fraternidade serenamente vivida entre nós pode contribuir para superar tensões destrutivas ou sentimentos de culpa injustificados por um fechamento visto como um fracasso. A Igreja nos encoraja e nos diz que «a verdadeira derrota da vida consagrada não está no declínio numérico [também de mosteiros], mas no desfalecimento da adesão espiritual ao Senhor e à própria vocação e missão» (*Vita consecrata*, 63). Os três campos fundamentais para a avaliação da caminhada de fraternidade de um mosteiro são os seguintes: a adesão ao Senhor, a fidelidade à própria vocação e a coerência com a própria missão. Para isso somos ainda pouco formados; também a experiência das Federações está ainda no início. A sobrevivência a todo o custo, sem a seriedade de um discernimento vocacional, é uma traição à própria missão espiritual. São outros os critérios a seguir: cada mosteiro deve poder fomentar um crescimento vocacional sério, e nem todos os mosteiros estão em condições de fazê-lo; antes, alguns não podem receber novas vocações. Outras vezes, quem tem vocações e meios econômicos, pensa num tipo de vida ainda mais independente, confunde a autonomia com a auto-suficiência, com a auto-administração e a autodecisão, sentindo-se quase justificado a desinteressar-se pela Federação e a não cuidar da caminhada da Ordem. Estas atitudes são claramente contra o espírito de fraternidade que deveria ser o coração de nossa vocação.

Papa, pois ela queria salvar a complementaridade a todo o custo (cf. *LegCl* 37). Viver este tipo de relacionamento é sempre um desafio, exige um equilíbrio seguro, uma sabedoria humana e espiritual, uma formação sólida de uma e de outra parte; mas nem por isso podemos renunciar a ela: é vontade evidente de Clara e Francisco.

Entre os testemunhos do processo de canonização de Clara lemos que «tendo ficado doente de insânia, um certo frade da Ordem dos Frades Menores, que se chamava Frei Estêvão, São Francisco mandou-o ao mosteiro de São Damião, para que Santa Clara fizesse sobre ele o sinal da cruz. Quando o fez, o frade dormiu um pouco no lugar onde a santa madre costumava rezar; depois, quando acordou, comeu um pouco e foi embora curado» (*ProcC* 2, 15). É um fato narrado também por outras fontes (cf. *BulC* 14; *ProcC* 3, 12; *LegCl* 32) e revela que a colaboração entre os dois santos e entre as duas Ordens foi muito importante: com confiança, Francisco envia a Clara os Frades com dificuldades especiais, pois talvez só ela podia curá-los; o próprio Francisco fizera a experiência nos momentos difíceis de sua existência. Esta exigência espiritual “relativiza” todas as estruturas ordinárias, como o sono reparador de Frei Estêvão no oratório de Clara. Também nós, hoje, somos vítimas de tensões, do “stress” e da depressão que ameaçam nossa “saúde” espiritual. Talvez, uma das tarefas das Irmãs de Santa Clara, hoje, poderia ser a de ajudar-nos a reencontrar a harmonia dos valores franciscano-clarianos, a gratuidade e a beleza de nossa vida, sem pretensões de eficiência. É fácil sermos instrumentalizados pelas necessidades imediatas e perdermos a visão de conjunto, a capacidade de discernir aquilo que é urgente daquilo que é necessário; preocupamo-nos com os muitos projetos que programamos ou que nos são propostos pelo mundo consumista em que vivemos e corremos o risco de esquecer o



compromisso primário de ser “projeto de Deus”. Creio que seja urgente, hoje, renovar e continuar a colaboração entre Clara e Francisco para evitar qualquer forma de «insânia», de “esquizofrenia” que destrói a própria vida consagrada.

Dou graças ao Senhor por todas as vezes que, exatamente ao lado de um mosteiro, desde frade jovem pude fazer a experiência da “cura”, recolocando em ordem harmoniosa os valores evangélicos de minha vocação e missão, graças à ajuda das Irmãs Clarissas. Muitas vezes pedi hospitalidade em seus mosteiros para dar novo tom espiritual à minha vida. Obrigado a todas vós, Irmãs Clarissas, por esta função “terapêutica”, tão importante para a caminhada vocacional de uma pessoa consagrada.

Complementaridade construída sobre a Palavra de Deus

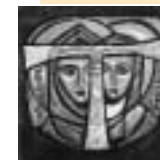
«Por meio de devotos pregadores, [Clara] cuidava de alimentar as filhas com a Palavra de Deus e não ficava com a parte pior» (LegCl 37).

Francisco jamais foi um «ouvinte surdo da Palavra» (2Cel 22); por sua vez, «Clara gostava muito de ouvir a Palavra de Deus» (ProcC 10, 8), vive-a, “espelha-se” nela, deixa-se transformar por ela e a reflete sobre as Irmãs e sobre o mundo, consciente de que esta é a missão própria das Damas pobres (cf. TestCl 21).

Francisco e Clara são criadores de uma espiritualidade construída a partir da escuta e da imediata obediência à Palavra. Desarmados, deixam-se surpreender por esta Palavra; deixam-se “desestabilizar” para iniciar caminhos sempre novos, sem saber, como Abraão, para onde levarão (cf. Hb 11,8).

risco às vezes é grave: ou os irmãos da primeira Ordem perdem a dimensão contemplativa ou desaparece o carisma e a espiritualidade nas Irmãs enclausuradas.

Nos últimos anos, fizemos uma boa caminhada, ainda que haja muita estrada a percorrer. Embora as Irmãs Clarissas não tenham laços jurídicos definidos com a primeira Ordem, como acontece com outras grandes famílias espirituais (dominicanas, carmelitas, por exemplo), espiritual e carismaticamente, porém, vivemos a mesma aventura evangélica na minoridade e corremos grande risco se abandonarmos a complementaridade profunda que nos une sem nada tirar da autonomia de cada mosteiro. A justa autonomia, porém, não pode ser entendida como pretensão de fazer uma caminhada “isolada”, totalmente independente e quase “auto-suficiente”. Nem basta a presença de um franciscano para o serviço pastoral-sacramental para que esteja garantida a espiritualidade franciscano-clariana. No fim de sua vida, Francisco promete ter «uma solicitude especial» (cf. RegCl 6,4; 2Cel 204) pelas Irmãs Clarissas: é algo muito amplo. Clara, por sua vez, confirma: «Recomendo e confio minhas Irmãs, presentes e futuras, ao sucessor do nosso bem-aventurado pai Francisco e a toda a Ordem, para que nos ajudem a crescer sempre mais no serviço de Deus e, principalmente, a observar melhor a santa pobreza» (TestCl 50-51). Pode também acontecer que um mosteiro se sinta “bem” porque se tornou ponto de referência de algum movimento carismático contemporâneo e do qual, talvez, tenha recebido novas vocações; isso pode fomentar um melhor clima interno do mosteiro, mas a identidade carismática pode correr o risco de “dissolver-se” ou de ser substituída por outras espiritualidades que Francisco e Clara não reconheceriam como próprias (cf. LegPer 114; 3CtIn 16).



estudos dos escritos clarianos e das fontes franciscanas, que levaram a um conhecimento mais objetivo da figura de Clara e da espiritualidade das Damas pobres. Estamos iniciando, podemos crescer mais com a contribuição e a ajuda recíproca, solicitando a contribuição das próprias Irmãs.

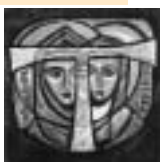
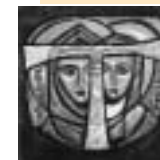
Hoje, já não nos aproximamos de Clara como se ela fosse uma simples “cópia” de Francisco, mas como uma personalidade rica em si mesma, em constante relacionamento com Francisco, na reciprocidade e complementaridade carismática. Francisco foi a palavra evangélica viva que a inspirou e acompanhou durante toda a sua vida; mas Clara conserva sua originalidade, não é redutível a Francisco. Este relacionamento de “identificação-diferença” garante a identidade inspiradora do carisma.

Segundo Clara, depois da Palavra de Deus, a palavra de Francisco e de quem lhe sucedeu no governo da Ordem deve ser anteposta a qualquer outra. Sabemos com que força esta idéia é expressa na segunda carta a Inês de Praga e na Regra, e sabemos a quem alude quando fala de «qualquer outro»; sabemos também que Elias não era certamente a cópia de Francisco! No entanto, as duas Ordens não devem ser separadas, mesmo a custo de uma “greve de fome” por parte das Damianitas (cf. *LegCl* 37).

As visitas que, nestes anos, tive a graça de fazer às várias Federações e o relacionamento mantido com os diversos mosteiros em diferentes partes do mundo confirmaram minha convicção de que existe um relacionamento muito forte entre as duas Ordens; um comum e convicto sentido de pertença à mesma Família sustenta, com evidência, esta complementaridade. Existe um grande desejo de crescermos juntos nesta recíproca ajuda. Onde faltar esta consciência, o

Deixam-se atrair (*ad trahere*), plasmar pela Palavra para se conformarem a suas exigências, sem se deixar distrair (*dis-trahere*) por nada; finalmente tornam-se eles próprios palavra viva e profética para o mundo em que vivem.

Um dos sinais mais evidentes destes anos pós-conciliares é certamente a redescoberta da centralidade da Palavra de Deus para uma experiência espiritual que queira chamar-se de cristã. A Igreja exortanos continuamente a entrar nesta riqueza e nos convida a formar-nos e a renovar-nos nesta fonte de água viva. «O primado da santidade e da oração não é concebível senão a partir de uma renovada escuta da Palavra de Deus» (João Paulo II, *Novo Millennium Ineunte*, 39). Os fiéis leigos, sobretudo os movimentos jovens, as novas comunidades religiosas nascidas nos últimos anos, puseram como estrutura básica de sua vida espiritual a escuta e o confronto com a Palavra de Deus. Para nós deveria ser uma volta às nossas origens: “nutrido” com esta Palavra, o coração tornaria-se uma «fornalha ardente» como o de Frei Junípero, e nossas palavras readquiririam uma força “incendiária”. A Palavra de Deus provoca sempre uma reestruturação espiritual pessoal: obriga-nos a rever nossos hábitos, nossos esquemas; cria uma dinâmica de busca e de adesão que muda nosso estilo de vida no Espírito, como aconteceu com Francisco e Clara. Talvez por isso, com frequência, em nossos ambientes é possível notar uma certa resistência e, assim, continuamos na *rotina*, sepultura de todo o entusiasmo. Tememos que Deus exija demais, tudo! Tememos perder certas estruturas “de segurança” também quando são empecilho à nossa caminhada contemplativa. Amamos mais a conservação que a contemplação! Continuamos a confiar nos meios mais tradicionais, mais imediatos, sem nos perguntarmos se tais meios têm necessidade de um novo espírito. Este é um campo em que a ajuda recíproca entre irmãos e



irmãs poderia devolver força e entusiasmo à nossa vida e, sobretudo, reavivar o desejo de busca e de adesão ao Senhor, que só uma profunda espiritualidade bíblica pode oferecer. Acolher, conceber, guardar, gerar a Palavra, a exemplo da Virgem Maria, são elementos indispensáveis para uma vida consagrada vivida em profundidade e autenticidade.

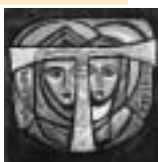
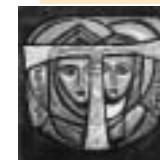
Para a reflexão

1. Em 1991, preparando o oitavo centenário do nascimento de Santa Clara (1993), dirigindo-se às enclausuradas franciscanas, os Ministros gerais escreviam: «Nenhuma tutela paternalista da parte dos frades, mas um serviço recíproco em minoridade e verdadeira fraternidade que enriquece uns e outras... Por que não intensificar o relacionamento informativo e também formativo da parte das irmãs para os irmãos, como fazia o próprio Francisco desde o início de sua vocação evangélica?» (*Clara de Assis, mulher nova*, 51). Que caminho fizemos nestes últimos anos?
2. É a Palavra, e particularmente o Evangelho, o critério de discernimento e de resposta aos desafios, às situações, às mudanças da vida comunitária quotidiana?
3. Como conseguimos harmonizar a tensão valores-estruturas? E que meios usamos, pessoalmente e em Fraternidade, para avaliar a caminhada?

Nesta parte de nossa reflexão, gostaria de me deter em alguns pontos que querem ser ocasião de busca e de diálogo no relacionamento entre as nossas duas Ordens e com a Família franciscana. Particularmente, penso aprofundar dois temas: 1) a colaboração entre os diversos Mosteiros e a Federação; 2) a formação e o particular relacionamento desejado por Clara e Francisco entre a primeira e a segunda Ordem. Trata-se de perspectivas que serão desenvolvidas e retomadas segundo as orientações da Igreja e em continuação a objetivos já alcançados. Espero que possa ser também o início de uma reflexão que poderia abrir novas formas de colaboração para o bem de todos. Conhecemos as iniciativas positivamente já iniciadas um pouco por toda a parte: por exemplo, os programas de formação para abadessas, formadoras, jovens professoras; os noviciados comuns nas Federações. Tudo isso estimulou o crescimento vocacional nas dimensões humanas, cristãs e carismáticas. É claro que tudo isso deve continuar. Sem dúvida, poderemos acrescentar a formação dos Frades da primeira Ordem e, sobretudo, dos Assistentes das Federações, para aprofundar o conhecimento da experiência espiritual de Clara e das Clarissas. Neste campo não se fez muito; no entanto, é uma caminhada indispensável para poder dialogar com as Irmãs contemplativas sem complexos de superioridade ou inferioridade e assim evitar qualquer expressão de paternalismo, em vista de um relacionamento e de uma complementaridade autenticamente evangélicos.

Autonomia e relacionamentos na vida de um mosteiro

Num passado recente, sobretudo depois da celebração do centenário de nascimento de Santa Clara (1993), notamos um crescimento de especializados





Hospedes e peregrinos

III

O encontro de Deus com o homem em Jesus de Nazaré aparece-nos como um *êxodo*: o Verbo deixa o seio do Pai para vir ao mundo; e, após sua morte e ressurreição, deixa o mundo para retornar ao Pai.

Somos testemunhas e protagonistas desta peregrinação para a casa do Pai iniciada por Jesus; mediante o dom do Espírito, o Ressuscitado inseriu-nos nesta dinâmica. Vivemos o desafio de sermos “peregrinos e forasteiros” exatamente quando, libertando-nos de toda a escravidão de apropriação, estamos prontos a *restituir* tudo a Deus, não considerando a vida um bem de consumo, mas um dom que deve ser restituído: «Atribuíamos ao Senhor Deus altíssimo todos os bens; reconheçamos que todos os bens lhe pertencem; demos-lhe graças por tudo, pois d’Ele procedem todos os bens» (RegNB 17,17).

Se não for radicalmente expropriada, a pessoa consagrada perde a dimensão profética que é o próprio coração da vida consagrada.



«Siga o conselho do Ministro geral»

IV

«Não consinta em nada que queira afastá-la desse propósito, que seja tropeço no caminho... para ir com mais segurança pelo caminho dos mandamentos do Senhor; siga o conselho de nosso venerável pai, o nosso Frei Elias, ministro geral. Prefira-o aos conselhos dos outros e tenha-o como o mais precioso dom» (2CtIn 14-16).

Para a reflexão

1. O jovem rico do Evangelho «foi embora triste, porque possuía muitos bens» (Mt 19,22). Sabemos “degustar” a beleza da simplicidade franciscano-clariana como fruto da purificação do supérfluo?
2. E Deus estava «numa brisa suave e amena» (1Rs 19,12). Como conseguimos guardar, viver, habitar o silêncio contemplativo? Na oração, como no relacionamento fraterno, sabemos “revestir” nossas palavras de calma profunda e serena, para que sejam vivas e vivificantes?
3. «Salve, ó palácio do Senhor!
Salve, ó tabernáculo do Senhor!
Salve, ó morada do Senhor!
Salve, ó manto do Senhor!
Salve, ó serva do Senhor!
Salve, ó Mãe do Senhor» (SaudVM 4-5)
Também nós somos «palácio, tabernáculo, morada, manto, servas, mães». Como vivemos esta realidade?
Como conseguimos harmonizar as estruturas diárias (horário, lugares, tempos...) e fazê-las convergir para a “paixão contemplativa” que nos habita?
4. O silêncio, externo e interno, guarda e estimula nossa vida interior. Como harmonizamos estes valores com “o externo” (telefone, imprensa, internet, TV, locutório...)? Conseguimos usar estes instrumentos sem prejudicar nossa contemplação pessoal e comunitária?

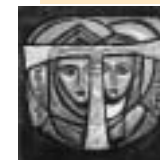
«Somente na morte se conhecem as pessoas»

(Eclo 11,28)

«A testemunha também disse que, estando a predita senhora e santa madre perto da morte, uma noite, antes do sábado, a bem-aventurada madre começou a falar dizendo assim: “Vai segura em paz, pois terás boa escolta; pois aquele que te criou, antes te santificou; e depois que te criou, colocou em ti o Espírito Santo e sempre te guardou como a mãe guarda o seu filhinho a quem ama”. E acrescentou: “Vós, Senhor, sois bendito, pois me criastes”» (ProcC 3,20; cf. LegCl 46).

Partindo das palavras que Clara disse silenciosamente à sua alma, transmitidas pelas testemunhas de seu processo de canonização, torna-se possível reencontrar a verdadeira personalidade de Clara, sua profunda espiritualidade, quase uma síntese de sua caminhada espiritual. «Vai» sem medo, diz a si mesma; vai como naquela noite em que forçaste a porta dos mortos da casa paterna; vai e não te preocupes com nada; se o Papa ainda não quis aprovar tua Regra, vai com serenidade, não importa; vai com a grande liberdade que mantiveste com alegria e energia no “Privilegium paupertatis”, na experiência de um abandono confiante no Senhor, que recompensa sempre com o cêntuplo. Vai, «sem perder de vista o ponto de partida... em rápida corrida, com passo ligeiro e pé seguro, de modo que teus passos nem recolham a poeira, confiante e alegre avança com cuidado pelo caminho da bem-aventurança... não consintas em nada que queira afastar-te desse propósito» (2CtIn 11-14).

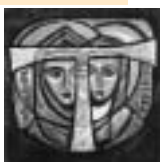
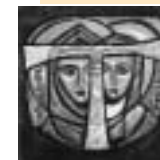
Das últimas palavras de Clara antes de sua morte, reemerge mais uma vez a característica trinitária de



sua espiritualidade: a boa escolta do Senhor Jesus, «nosso caminho»; o agradecimento Àquele que a criou e santificou; o Espírito que a guardou com o mesmo cuidado de uma mãe. Além disso, este convite de pôr-se a caminho com rapidez é a tradução concreta da opção de viver como «peregrinos e forasteiros» neste mundo (cf. *RegCl* 8,2; *RegB* 6,2), que Clara e Francisco fizeram desde as primeiras etapas de sua conversão. Sua vida sempre foi animada pelo desejo de recomeçar, sem medo e sem demora. Clara deve ter vivido – direta ou indiretamente – a cena violenta e simbólica de Francisco que, na praça de Assis, diante de seus concidadãos, do bispo e de sua família, inicia nu sua caminhada de liberdade, entregando-se ao único Pai: «Foi deixado nu para seguir as pegadas de seu Senhor atado nu à cruz» (*LegM* 2,4). Como também, através dos Frades, Clara soube sem dúvida do último desejo de Francisco, antes de morrer: ser colocado nu sobre a terra nua da Porciúncula. Portanto, estamos diante de um “êxodo” simétrico, convergente, destes dois santos que fazem de sua vida uma “entrega” total a Deus, aquele Deus que veio ao seu encontro e que eles amaram sem reserva. A morte sempre causa medo e incute terror porque nos expropria totalmente de tudo e de todos; para os místicos, porém, transforma-se na plenitude da gratidão e da bem-aventurança: Clara e Francisco vivem esta experiência. Morre-se como se vive: toda a sua vida é uma vida de “restituição” (cf. *RegNB* 17,17-18), de libertação progressiva, para que o diálogo com o Amado em nada seja impedido ou obscurecido por alguma forma de apropriação (cf. *RegB* 6,1-2; *RegCl* 8,1-2), de volta sobre si mesmos. Todas as formas de fechamento, de auto-suficiência impedem o relacionamento e, portanto, a comunhão. É a vida mística que justifica e orienta a vida ascética, com todas as suas prescrições. Os próprios votos, o silêncio da montanha como o da clausura, o trabalho apostólico e o trabalho escondido e humilde da casa, tudo deve

vel. A santidade não consiste na quantidade de “boas ações”, mas na qualidade do amor vivido quotidianamente. Mais do que um ato, a contemplação, a adoração é um modo de pôr-se diante de Deus na oração como na vida; é uma atitude global da vida quotidiana, no seio da qual conseguimos perceber o primado de Deus. A beleza consiste exatamente em deixar-se olhar por Deus: «Deus, se tu me olhas, torno-me bela» (Gabriela Mistral, OFS).

A beleza de nossa vocação nasce desta harmoniosa construção espiritual, na qual tudo encontra seu lugar, porque tudo se refere e se liga à relação esponsal com o Senhor: tempo, espaço, trabalho, repouso, silêncio, palavra... A contemplação é precisamente a harmonia que deve ser construída diariamente, em primeiro lugar dentro de nós mesmos, onde nos espera Aquele que nos habita. Santo Agostinho dizia: «Noli foras ire»: não vás para fora, encontras Deus na tua interioridade. Podes sair para o outro, para o mundo, somente com todo o teu ser, reconciliado contigo mesmo e acompanhado por Deus. Então, nem as tensões, que jamais faltarão, entre o “dentro” e o “fora”, entre carisma e estruturas, entre alma e corpo, entre clausura e mundo, entre vida pessoal e vida de fraternidade, perturbarão a harmonia e a serenidade profunda, porque a contemplativa sempre encontrará o caminho que conduz ao Absoluto, caminho de paz e não de perturbação, ansiedade ou preocupações.



por uma Presença. Quão importante é valorizar os lugares numa vida claustal contemplativa! Na simplicidade franciscana, que forma e ajuda o relacionamento, existe uma estupenda beleza; na ordem, na limpeza e na decoração dos ambientes de um mosteiro, existe uma harmonia “contemplativa”. Ao mesmo tempo, quem vive a comunhão torna-se criativo na preparação dos lugares e dos espaços para o encontro com o Amor e com os outros.

Igualmente importante torna-se a *palavra*. Para uma contemplativa, o próprio silêncio se torna palavra viva, que “informa” e transforma a dinâmica dos gestos quotidianos. Quando a palavra é concebida e modelada no silêncio, plasma o coração e transforma a vida.

Assim, o *tempo* no qual moramos torna-se elemento indispensável para construirmos uma vida harmoniosa: graças à encarnação, vivemos já no tempo de Deus, e escrevemos nossa pequena história neste tempo “habitado”; não podemos apropriar-nos dele, mas somente vivê-lo como uma graça, percebendo ali uma Presença e restituindo-o a Quem no-lo deu. Viver este ritmo sereno de tempo significa viver na respiração profunda de Deus, sem pressa ou precipitação, sem lamúrias ou fugas na ação, sem “consumi-lo” avidamente ou deixar-se consumir, levar e “estressar” por ele. Viver no tempo de Deus, percebendo sua epifania em cada pequeno acontecimento, em cada gesto quotidiano, pode tornar-se um verdadeiro exercício de contemplação, uma autêntica proclamação de libertação diante de um mundo vítima de uma visão egocêntrica do tempo, que induz o homem à angústia ou à fuga para o vazio. Uma contemplativa testemunha que o tempo não é dinheiro, mas relacionamento!

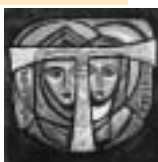
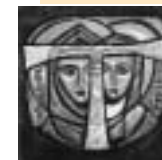
Quanta necessidade tem o homem de hoje da graça e da beleza de viver no tempo de Deus. Não é uma utopia, um sonho: é uma possibilidade realizá-

convergir para a Palavra a ser assimilada, para a união com Deus e a caridade fraterna.

O grave risco que sempre se corre é o de absolutizar aquilo que é somente relativo, aquilo que deveria existir somente em função do essencial: perde-se, então, a beleza e a harmonia de toda a construção espiritual. A atividade pastoral ou caritativa pelos irmãos não pode tornar-se o fim último de uma vida consagrada; o silêncio, a clausura, o trabalho escondido no mosteiro devem ser animados e transformados por uma Presença, por um diálogo interior que é a razão de tudo. Também pode acontecer que o silêncio exterior, a observância rígida da clausura, escondam somente um medo, tranquilizem uma consciência que desistiu de buscar, de desejar, de amar.

Quanta tristeza e sofrimento se sente ao encontrar comunidades bloqueadas por uma rigidez puramente legalista, que nada tem a ver com a radicalidade evangélica, fonte de alegria, de fantasia e de audácia. Comunidades de Irmãs de olhar triste e rosto entediado e resignado, porque deixaram de sonhar, de crer naquilo que lhes foi prometido.

A experiência espiritual “libertadora” de Clara e Francisco nos convida a criar espaços “pobres” de silêncio interior durante todo o dia para deixarmos transformar por aquilo que contemplamos, para deixarmos a Deus a possibilidade de re-criar-nos cada dia. Então a Eucaristia, a Liturgia das Horas, as diversas formas de oração já não são “obrigações”, mas momentos desejados de um encontro, de um relacionamento de amor. Ou antes, nós mesmos nos tornamos “eucaristia”, “liturgia” em todas as expressões de nossa vida.



A beleza de uma vocação

«Vós, Senhor, sejais bendito, pois me criastes» (cf. ProcC 3,20).

O olhar de Deus sobre uma criatura que se deixa amar e responde com disponibilidade é sempre um evento maravilhoso. Este grito de louvor lançado por Clara, no fim de seus dias, é a síntese de sua riqueza espiritual, de sua existência aceita em todos os seus aspectos positivos e negativos: restitui-a sem lamúrias ao Senhor. Nisto, Francisco é diferente de Clara: diante de Deus, sente-se mais indigno de louvá-lo. Clara é mais espontânea: olhando toda a sua vida em perspectiva, imediatamente a vê como uma criação de Deus, como uma história sagrada, uma história bonita, positiva. “A comunhão sempre produz beleza”. Clara está plenamente reconciliada consigo mesma, com seu passado, com seus limites, e oferece tudo ao Senhor com serenidade e liberdade. Tudo o que constituiu sua existência é fruto da ternura e do amor de Deus para com ela; e ela se fez “espelho” para refletir esta beleza divina sobre quem lhe está ao lado; fez-se imagem para o mundo para que todos pudessem contemplar o paciente cuidado de Deus por suas criaturas. «Ame totalmente o que se entregou inteiro por seu amor» (3CtIn 15), escreve a Inês, repetindo a exortação de Francisco, extasiado e quase incrédulo diante da humildade de Deus: «Portanto, nada de vós retenhais para vós mesmos, para que totalmente vos receba quem totalmente se vos dá!» (COrd 29).

Toda a vida de Clara torna-se um hino de louvor e de ação de graças Àquele que a criou, guiou e protegeu. “Espelhou-se” no Amado, viu-se transformada naquele que contemplou e agora já saboreia o gosto da eternidade. Clara não sente necessidade de pedir

perdão ao irmão corpo, como Francisco: ela o uniu neste canto de louvor; também o corpo que sofreu com paciência os longos anos de enfermidade é objeto de louvor, porque objeto de amor por parte do Pai: «Vós, Senhor, sejais bendito, pois me criastes». Também a rígida pobreza observada durante toda a vida tem seu peso na construção desta beleza, porque criou um espaço interior para poder hospedar o Amado.

Michelângelo definia a beleza como purificação do supérfluo. A vida de Clara foi proclamação de beleza: sua caminhada foi de purificação, de “cinzelamento” para fazer emergir da forma mais límpida possível a imagem de Deus que cada um de nós traz em si. Quando, pouco a pouco, a experiência religiosa se torna experiência de um “encontro”, tudo se transforma, tudo se torna sacramento da beleza, sinal e instrumento de um relacionamento que envolve alma e corpo: «Exortada pelo bondoso Frei Reinaldo a ser paciente no longo martírio de todas essas doenças, respondeu com voz mais solta: “Irmão querido, desde que conheci a graça de meu Senhor Jesus Cristo por meio de seu servo Francisco, nunca mais pena alguma me foi molesta, nenhuma penitência foi pesada, doença alguma foi dura”» (LegCl 44). «O que me parecia amargo, para mim mudou-se em doçura da alma e do corpo» (Test 3). Já não há necessidade de desprezar, mas só de valorizar e amar humildemente: «Odiar a si mesmo é mais fácil do que se pensa. Graça é esquecer-se de si. Mas se em nós tiver morrido todo o orgulho, graça das graças seria amar humildemente a si mesmo, como qualquer membro sofredor do corpo de Cristo» (G. Bernanos).

O que podemos fazer para que nossa vida de hoje se torne *bela*? Valorizar os *espaços*: os estreitos espaços da clausura podem tornar-se lugares de festa e não de penitência, se forem iluminados e aquecidos

